

# Uma Proposta para Superar o Atual Impasse Epistemológico da Escola Austríaca\*

*Gabriel J. Zanotti\*\**

**Resumo:** A tese do presente artigo é a de que a Escola Austríaca encontra-se em um impasse epistemológico, por não levar até as últimas consequências hermenêuticas o próprio subjetivismo. Esse projeto começou na década de 1980, com as tentativas de Don Lavoie e seus discípulos, mas estancou por partir diretamente de Martin Heidegger e Hans-Georg Gadamer, sem passar antes pela fenomenologia de Edmund Husserl. O autor propõe, assim, retomar esse caminho, sem cair no mesmo esquecimento, fundamentando, dessa forma, novamente, os elementos hermenêuticos que se encontravam em Ludwig von Mises e F. A. Hayek.

**Palavras-chave:** Epistemologia, Apriorismo, Ação Humana, Hermenêutica, Fenomenologia.

## A Proposal to Overcome The Current Deadlock of Austrian School of Economics' Epistemology

**Abstract:** The thesis of this conference is that the Austrian School of Economics has a deadlock epistemology because it doesn't carry out until its last hermeneutical consequences its own subjectivism. This project began in the 80s, when Don Lavoie and his followers' attempts, but it stopped because they studied Martin Heidegger and Hans-Georg Gadamer without going through Edmund Husserl and his phenomenology. Therefore, we propose to recover that way overcoming that forgetfulness and explaining again those elements properly hermeneutic, present in Ludwig von Mises and F. A. Hayek's thoughts.

**Keywords:** Epistemology, Apriorism, Human Action, Hermeneutics, Phenomenology.

**Classificação JEL:** B4; B41; B53

---

\* Conferência apresentada no Congresso Internacional *La Escuela Austríaca en el Siglo XXI*, realizado nos dias 5, 6 e 7 de agosto de 2010, no Campus Rosario da Universidad Católica Argentina (UCA).

Texto traduzido do espanhol para o português por Flávio L. Alencar.

\*\* **Gabriel J. Zanotti** nasceu em 13 de abril de 1960, em Buenos Aires, na Argentina. cursou a graduação e a licenciatura em Filosofia na Universidad del Norte Santo Tomás de Aquino (UNSTA) e recebeu o doutorado em Filosofia pela Universidad Católica Argentina (UCA). É professor titular de Epistemologia da Comunicação Social da Universidad Austral, professor de Filosofia da Ciência e de Metafísica da UNSTA, professor titular de Metodologia das Ciências Sociais do mestrado em Economia e Ciência Política da Escuela Superior de Economía y Administración de Empresas (ESEADE), professor titular de Epistemologia do doutorado em Administração da Universidad del CEMA (UCEMA), professor visitante da Universidad Francisco Marroquín na Guatemala, membro do departamento de pesquisa da Fundación Hayek, diretor acadêmico do Instituto Acton Argentina, membro do Conselho Acadêmico do Centro Interdisciplinar de Ética e Economía Personalista (CIEEP) e membro do Conselho Editorial de *MISES: Revista Interdisciplinar de Filosofia, Direito e Economía*. Escreveu inúmeros artigos acadêmicos publicados em diferentes periódicos e é autor de mais de vinte livros, dentre os quais foi publicado em língua portuguesa o seguinte título: *Epistemologia da Economía* (EDPUCRS, 1997).  
E-mail: gabrielmises@yahoo.com

## I - ORIGEM DO PROBLEMA

O título deste artigo é um diagnóstico que, obviamente, tenho de justificar de alguma forma. Não é o meu propósito fazer um resumo da história da epistemologia da Escola Austríaca, ainda que isso fosse muito conveniente para minha tese. Podemos dizer que mais humildemente, como todos sabemos, a Escola Austríaca foi fortemente influenciada pela posição supostamente apriorista extrema de Ludwig von Mises (1881-1973), que, na verdade, é a interpretação que Murray Rothbard (1926-1995) faz de Mises<sup>1</sup>, e que tanto influiu e influi, até hoje. Não é a única interpretação possível<sup>2</sup>, mas os textos de Mises apresentam certa ambivalência que fazem com que a posição de Rothbard tenha algum sentido<sup>3</sup>.

Friedrich August von Hayek (1899-1992), obviamente, pensava diferente, mas não tinha gerado, na década de 1980, o número de importantes discípulos nos Estados Unidos que Murray Rothbard e Israel Kirzner haviam gerado, e, por isso, naquele momento, sua influência na área não era tão importante como é agora graças ao ressurgimento da análise do livro *The Sensory Order*<sup>4</sup>. Não considero que essa seja a chave para sua filosofia de ciência<sup>5</sup>, mas

desviaria do objetivo se justificasse agora minha posição a respeito disso.

Além disso, certo debate entre Kirzner e Hayek, em 1975, sobre a conveniência ou não do apriorismo com relação ao tema do empreendedorismo<sup>6</sup>, fez a balança pender mais para o apriorismo de Mises, ainda que, depois, tal debate não tenha sido continuado por Kirzner.

Nessa época, aliás, Ludwig Lachmann (1906-1990) costumava, durante um semestre por ano, dar aulas na New York University, onde estavam os *kirzner-boys*. Isso foi muito importante, pois Lachmann introduziu então uma sensibilidade hermenêutica que obviamente não estava presente na interpretação de Rothbard sobre Mises. O resultado disso foi um interessantíssimo livro de homenagem a Lachmann<sup>7</sup>, em que a balança pendeu para elementos propriamente hermenêuticos que já estavam em Mises, os quais Lachmann enfatiza<sup>8</sup>, e que se juntam, também, aos projetos de diálogo com a hermenêutica continental de Don Lavoie (1951-2001)<sup>9</sup>.

Esse diálogo não deu resultado, por vários motivos.

1º) Kirzner não apoiou as “escapadelas” hermenêuticas dos discípulos. Um deles, o agora famoso Roger W. Garrison, apoiou seu mestre numa então famosa classificação

<sup>1</sup> Ver o clássico artigo: ROTHBARD, Murray N. In Defense of ‘Extreme Apriorism’, *Southern Economic Journal*, 1957, 23, 3.

<sup>2</sup> A outra interpretação é a de Fritz Machlup, que deu origem, precisamente, a resposta de Murray Rothbard. Ver: MACHULUP, Fritz. The Problem of Verification in Economics. *Southern Economic Journal*, 1955, 22, 1.

<sup>3</sup> Ver: MISES, Ludwig von, *La Acción Humana*. Madrid: Sopec, 1968. cap. 2, 14.

<sup>4</sup> HAYEK F. A. *The Sensory Order: An Inquiry into the Foundations of Theoretical Psychology*. Chicago: Chicago University Press, 1952. .

<sup>5</sup> Cremos que os textos mais valiosos de Hayek a respeito são os clássicos: HAYEK, F. A. Scientism and the Study of Society (1942). In: *The Counter-Revolution of Science*, Indianapolis: Liberty Press, 1979, p. 19-182; Idem. Degrees of Explanation (1955) In: *Studies*. Chicago: University of Chicago Press, 1967;

Idem. *The Theory of Complex Phenomena* (1964). In: *Studies*, 1967.

<sup>6</sup> KIRZNER, Israel. Hayek, Knowledge, and Market Process (1975). In: *Perception, Opportunity and Profit*. Chicago: University of Chicago Press, 1979.

<sup>7</sup> Referimo-nos a: KIRZNER, Israel (Ed.). *Subjectivism, Intelligibility and Economic Understanding: Essays in Honor of Ludwig Lachmann*, New York: New York University Press, 1986. Ver, também: KOPPL, R.; MONGIOVI, G. (Eds.). *Subjectivism and Economic Analysis, Essays in Memory of L. Lachmann*, London: Routledge, 1998.

<sup>8</sup> Ver a respeito: LACHMANN, L. M.. *Capital, Expectations, and The Market Process*. Kansas City: Sheed Andrews and McMeel, 1977.

<sup>9</sup> Ver a respeito seus artigos em: LAVOIE, Don. *Hermeneutics and Economics*. London: Routledge, 1990.

de três concepções de equilíbrio<sup>10</sup>: o *always* [sempre], dos neoclássicos; o *sometimes* [às vezes], dos austríacos; e o *never* [nunca], dos “austríacos radicais”, onde supostamente se encontrariam Lachmann e Schacke<sup>11</sup>. Não penso que seja correta essa interpretação de Lachmann, mas, novamente, algumas de suas expressões tornaram possível tal interpretação, pela qual, a princípio, a hermenêutica ficaria ligada a uma concepção em que o mercado não teria, *per se*, nenhuma tendência à coordenação; em vez disso, seria caótico e casual, o que seria incompatível com a teoria do processo de mercado elaborada por Kirzner<sup>12</sup>, que sintetizava o mercado como o processo de Mises<sup>13</sup> e a ordem espontânea de Hayek.<sup>14</sup>

2º) A hermenêutica continental que segue Lavoie *et alia* é, fundamentalmente, a de Hans-Georg Gadamer (1900-2002) com base em Martin Heidegger (1889-1976). Em Gadamer, a noção de historicidade é fundamental, ou seja, o presente ontologicamente é feito pelo passado, as tradições culturais estão vivas, portanto, a história não é algo passado, mas está presente hoje<sup>15</sup>. Essa presença do histórico

em cada momento social, sem os devidos esclarecimentos, fez a balança pender para o mais perigoso vilão da cidade de Gotham austríaca: o historicismo alemão, vilão que confrontado, praticamente, fizera nascer a Escola Austríaca, como conhecemos: o famoso debate entre Carl Menger (1840-1921) e Gustav von Schmoller (1838-1917). Faltaria verificar se Schmoller foi tão terrível como a história oficial da Escola Austríaca o apresenta<sup>16</sup>, sobretudo por influência de Mises<sup>17</sup>, mas o problema é que a tradição (paradoxalmente, a historicidade) da Escola Austríaca não nos permite aceitar tão facilmente uma hermenêutica que aparentemente fizera a balança pender para o historicismo.

3º) Perdido no firmamento, ainda que visível, como o sol na própria órbita, estava o fundamental A. Schütz (1899-1959)<sup>18</sup>. Dizemos “fundamental” porque Schütz introduz nossa proposta de solução, Edmund Husserl (1859-1938), pois teve a peculiaridade de receber as influências tanto de Mises como de Husserl. Schütz mostra claramente que a chave para o mundo social em Husserl é a intersubjetividade, os relacionamentos entre os indivíduos, mas suas constantes referências a Husserl, um autor que Mises e Hayek nunca utilizaram nas hipóteses fundamentais, desorientavam os leitores mais austríacos de Schütz, ainda que tenha havido exceções, com certeza<sup>19</sup>.

---

<sup>10</sup> Ver seu clássico artigo: GARRISON, Roger. From Lachmann to Lucas: On Institutions, Expectations, and Equilibrating Tendencies. In: **Subjectivism, Intelligibility and Economic Understanding**. New York: New York University Press, 1986.

<sup>11</sup> Ver a respeito o seguinte artigo: CRESPO, Ricardo. Subjetivistas radicales y hermenéuticos en la escuela austríaca de Economía. **Sapientia**, 1998, 52, 204.

<sup>12</sup> Ver os clássicos livros: KIRZNER, Israel. **The Meaning of Market Process**. London: Routledge, 1992; Idem. **The Driving Force of The Market**. London: Routledge, 2000. ponto 4.

<sup>13</sup> MISES. **La Acción Humana**, 1968. cap. 15.

<sup>14</sup> Creio que a maior síntese a respeito se encontra nos seguintes artigos de Hayek: *Economics and Knowledge* (1936); *The Use of Knowledge in Society* (1945); *The Meaning of Competition* (1946). Os referidos textos foram publicados na seguinte obra: HAYEK, F. A.. **Individualism and Economic Order**. Chicago: Chicago University Press, 1980.

<sup>15</sup> Ver: GADAMER, Hans-Georg. **El problema de la conciencia histórica** (1959), Madrid: Tecnos, 1993; Idem. **Verdad y método I** (1960), Salamanca: Sígueme, 1991; Idem. **Verdad y Método II** (1986), Salamanca:

---

Sígueme, 1992.

<sup>16</sup> Ver a respeito, a revisão da história “oficial”: CALDWELL, Bruce. **Hayek’s Challenge**. Chicago: University Chicago Press, 2004.

<sup>17</sup> Para Mises, o historicismo alemão antecede, nada mais nada menos, o nazismo. Parece-nos obviamente exagerado, mas isso explica a paixão do debate.

<sup>18</sup> Ver: SCHÜTZ, Alfred. **The Phenomenology of the Social World**. Evanston: Northwestern University Press, 1967; SCHÜTZ, Alfred & LUCKMANN, Thomas. **Las estructuras del mundo de la vida**. Buenos Aires: Amorrortu, 2003; SCHÜTZ, Alfred, *Estudios sobre Teoría Social II*, Buenos Aires: Amorrortu, 2003; Idem. **On Phenomenology and Social Relations**. Chicago: University of Chicago Press, 1970.

<sup>19</sup> Ver: SMITH, Barry. *Austrian Economics and Austrian Philosophy*. In: **Austrian Economics: Historical and Philosophical Background**. London: Croom Helm,

## II - O PERCURSO PARA UMA HIPÓTESE DE SOLUÇÃO

Este foi, assim, o ponto-chave da questão: *o esquecimento de Husserl*. Husserl havia elaborado uma fenomenologia oposta ao positivismo, porque recuperava a noção de “sentido”, como “essência”, presente já em autores como Gottlob Frege (1848-1925) e Franz Brentano (1838-1917), como uma linha oposta ao psicologismo de John Stuart Mill (1806-1873)<sup>20</sup>. Ainda que o próprio Husserl tenha se oposto ao historicismo como relativismo<sup>21</sup>, percebeu que o âmbito onde captamos as essências é o mundo da vida, cotidiano e intersubjetivo, que tem presentes as tradições históricas<sup>22</sup>. Isso gera certa tensão no chamado “último Husserl”<sup>23</sup>. Contudo, o tema da finalidade, a motivação da ação humana como lei fundamental do mundo espiritual<sup>24</sup>, teria permitido elaborar facilmente uma teoria universal da ação humana...

Mises, por outro lado, embarcara no seu “trem epistemológico” numa estação da qual nunca saiu: o neokantismo de Max Weber (1864-1920). Desse ponto de vista,

---

1986.

<sup>20</sup> Ver, a esse respeito: DE AÑO, Alfredo. **Las concepciones de la lógica**. Madrid: Taurus, 1980.

<sup>21</sup> Ver a famosa conferência: HUSSERL, Edmund. **La filosofía como ciencia estricta** (1911). Universidad Nacional de Buenos Aires, 1951.

<sup>22</sup> Ver, principalmente: HUSSERL, Edmund. **Experiencia y juicio** (1919-20). México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1980; Idem. **Ideas Pertaining to a Pure Phenomenology and to a Phenomenological Philosophy, Second Book: Studies in the Phenomenology of Constitution**. Trad. Richard Rojcewicz e André Schuwer. The Hague: Kluwer Academic, 1989. (Collected Works: Volume 3); Idem. **Problemas fundamentales de la fenomenología**. Madrid: Alianza, 1994; Idem. **The Crisis of European Sciences** (1934-1937). Evanston: Northwestern University Press, 1970.

<sup>23</sup> Ver, sobretudo, as aporias do mundo da vida em: HUSSERL. **The Crisis of European Sciences**.

<sup>24</sup> Ver: HUSSERL. **Ideas Pertaining to a Pure Phenomenology [...], Second Book**.

qualquer referência às “essências” era malvista. As categorias *a priori* da ação nos permitem compreender o mundo como a nossa inteligência o concebe, não como ele realmente é<sup>25</sup>.

Hayek sempre partira de uma psicologia evolutiva que finalmente conclui em seu famoso *The Sensory Order*, em que uma relação com a ação humana como algo fundado numa ação espiritual inteligente e livre, irreduzível ao biológico, mostra-se, no mínimo, muito conflitiva<sup>26</sup>.

Apesar disso, Mises e Hayek têm, ambos, elementos-chave que conferem-nos postos firmes, *ainda que não tenham querido ou os discípulos não queiram*, numa hermenêutica das ciências sociais, similar ao caminho que Lavoie tentou percorrer. Para Mises, a praxeologia como ciência geral da ação humana é *o que dá sentido aos fenômenos complexos da história*<sup>27</sup>, isto é, os interpreta, e, para Hayek, a teoria da ordem espontânea é o que permite identificar tendências (*pattern predictions*) gerais dentro das infinitas variáveis dos fenômenos complexos<sup>28</sup> (não só das ciências sociais, mas também nas ciências naturais); portanto, ambos os autores eram hermenêuticos, mas com uma afirmação da “universalidade” de certas noções em ciências sociais que obviamente não interessava a Heidegger.

E Gadamer? Como já dissemos, se estudarmos Gadamer via Husserl, sim, e não porque esse “via Husserl” seja um acréscimo meu<sup>29</sup>. Gadamer confia em uma fusão de

---

<sup>25</sup> Ver: MISES. **La Acción Humana**. cap. 2, ponto 2.

<sup>26</sup> Nesse sentido estamos de acordo com: CRESPO, R. **La libertad en Hayek**. **Libertas**, n. 45, p. 25-33, 2006.

<sup>27</sup> MISES. **La Acción Humana**. cap. 2, ponto 1.

<sup>28</sup> Creio que “The Theory of Complex Phenomena” (HAYEK, **Studies**, 1967) é a chave epistemológica de Hayek e sua principal contribuição à filosofia da ciência.

<sup>29</sup> Ver: GADAMER. **Verdad y método I**, 1991, II-II, 8, 1: “[...] O conceito e fenômeno de horizonte possui um significado fundamental para a investigação fenomenológica em Husserl [...]”. Obviamente, isso não significa que

horizontes históricos diferentes<sup>30</sup> por meio do “humano”<sup>31</sup>, importantíssima herança platônica que permanece em seu pensamento e que permite uma hermenêutica fenomenológica em que podem ser identificadas noções universais em históricos “mundos da vida”.

Isso é possível, precisamente, ao aplicar o propósito teórico de Husserl aos “mundos da vida” do próprio Husserl, que, como Gadamer diz, são um avanço de seus horizontes históricos de pré-compreensão.

Cada situação histórica concreta é *particular* no sentido de que não é a mesma coisa a moeda na Roma antiga e na Washington atual. Contudo, ambas as situações históricas têm “algo em comum”: a natureza, a essência, o sentido da relação intersubjetiva em questão. Quando Mises define a moeda corrente como uma *commodity* que demandamos, não para consumo direto, mas para intercambiar por outras mercadorias que, essas sim, demandamos diretamente para consumir<sup>32</sup>, faz uma definição fenomenológica, universal, da relação intersubjetiva a que chamamos “troca indireta”. Aí está o propósito teórico pelo qual chegamos à “natureza em si mesma” de cada relação intersubjetiva, sem deixar de lado suas peculiaridades históricas, isto é, a pré-compreensão em cada “mundo da vida”, porque tanto a moeda em Roma como a moeda nos Estados Unidos são, ambas, “moedas”, e por conseguinte não são nem totalmente iguais, nem totalmente diferentes, mas análogas<sup>33</sup>.

---

possamos passar diretamente de Husserl a Gadamer, sem solucionar a questão sobre a criação do objetivo para o “eu” passando pela experiência subjetiva do “mundo da vida”, que para nós, pode ser solucionada na elaboração de uma noção fenomenológica de “mundo” como inter-subjetividade, que supera a dicotomia sujeito-objeto (ver a esse respeito, no presente artigo, a nota de rodapé 33).

<sup>30</sup> Ibidem. II-II.

<sup>31</sup> Ver: Idem. *El giro hermenéutico*, Madrid: Cátedra, 1995. p. 184.

<sup>32</sup> MISES. *La Acción Humana*. cap. 17, ponto 3.

<sup>33</sup> Esse é um dos principais pontos que desenvolvi no livro: ZANOTTI, G. J. *Hacia una hermenéutica realista*. Buenos Aires: Austral, 2005. cap. 2.

Essa é a chave que faltava ao projeto hermenêutico naquela ocasião: uma hermenêutica fenomenológica, em que as relações intersubjetivas que constituem a economia como realidade social e como ciência (preço, lucro, oferta, demanda, etc.) sejam definidas universalmente com o método de Husserl.

### III - IMPLICAÇÕES

Traçar tal caminho da epistemologia da Escola Austríaca permite:

1º) Fundamentar a praxeologia de Mises em uma fenomenologia da ação humana.

2º) Integrar as epistemologias evolutivas à nossa abordagem, pois, em Husserl, o mundo intersubjetivo inclui o corpo vivente (*leib*)<sup>34</sup> e, conseqüentemente, não estamos falando de uma *res cogitans* separada do sistema nervoso, mas de uma integração entre a ação humana livre e intencional – cujo fundamento ontológico último se encontra na antropologia de Santo Tomás de Aquino (1225-1274) – com todo o sistema nervoso central.

3º) Colocar as noções intersubjetivas básicas da economia (oferta, demanda, preço, lucro de mercado, etc.) como noções universais a partir das quais se interpretam os fenômenos complexos dos diversos mundos da vida.

4º) A mesma coisa com a tendência geral à coordenação, dadas certas condições (aprendizagem, preço, propriedade), que é a chave da ordem espontânea em Hayek.

5º) Terminar com o famoso debate sobre se a economia é *a priori* ou *a posteriori*. Esse debate remete a uma noção de sujeito-objeto superada também pela hermenêutica. Não é questão de um sujeito que tem em frente um objeto físico, mas uma pessoa que “vive-no-mundo”; ou seja: não é “*a priori*/sujeito” nem “*a posteriori*/objeto”, mas “mundo”, como mundo intersubjetivo humano, no qual se dão as relações intersubjetivas que, se expressas universalmente, constituem a economia como ciência. Isso inclui esclare-

---

<sup>34</sup> Ver: HUSSERL, *Ideas Pertaining to a Pure Phenomenology [...]*, Second Book, 1989.

cer que, quando Mises sustenta que na Economia não há teste empírico, se refere ao teste empírico do indutivismo antigo. Atualmente, após todo o debate entre Karl Popper (1902-1994), Thomas Kuhn (1922-1996), Imre Lakatos (1922-1974) e Paul Feyerabend (1924-1994), dir-se-ia simplesmente que não há teste empírico, mas apenas uma humilde “ilustração” ao estilo Fritz Machlup (1902-1983)<sup>35</sup>.

#### IV - CONCLUSÃO GERAL

A epistemologia da Escola Austríaca pode avançar caso aprofunde suas raízes hermenêuticas implícitas, e as fizer explícitas mediante Husserl, esclarecendo a intersubjetividade, que é precisamente o âmbito ontológico do subjetivismo em que sempre se moveu, mas sem perder, por isso, a pretensão de uma ciência universal. Ademais, isso permite superar totalmente a noção de “informação” pela de “conhecimento”, diretamente como “interpretação”, isto é, “estar-no-mundo-da-vida”. Essa é a chave para a superação dos velhos debates sobre a matematização ou não da Economia.

Com relação ao famoso teste empírico, se a Escola Austríaca adotar a famosa virada hermenêutica, pode esquecer-se dela, simplesmente porque as ciências naturais, se seguirmos Alexandre Koyré (1892-1964)<sup>36</sup>, Thomas Kuhn<sup>37</sup> e Paul Feyerabend<sup>38</sup> (que são a virada hermenêutica nas Ciências Naturais),

simplesmente nunca a utilizaram. Menos ainda nas Ciências Sociais.

Finalmente, e nem por isso menos importante, essa também pode ser a superação do debate atual sobre se há duas Escolas Austríacas ou não, ao reencaminhar a abordagem epistemológica a um programa de pesquisa unificado, em que uma noção qualitativa, hermenêutica, de “conhecimento disperso”, não seria o ponto principal, mas o núcleo central fundamental. ∞

<sup>35</sup> Ver a nota de rodapé 2 do presente artigo.

<sup>36</sup> Ver: KOYRÉ, Alexandre. **Del universo cerrado al universo infinito**. Buenos Aires: Siglo XXI, 1979; Idem. **Estudios de historia del pensamiento científico**. Buenos Aires: Siglo XXI, 1977; Idem. **Estudios Galileanos**. Buenos Aires: Siglo XXI, 1966; Idem. **Pensar la ciencia**. Buenos Aires: Paidós, 1994.

<sup>37</sup> Sobre o tema, ver: KUHN, Thomas S.. **La estructura de las revoluciones científicas** (1962). Buenos Aires: FCE, 1971; Idem. **La revolución copernicana** (1955). Madrid: Orbis, 1985.

<sup>38</sup> Ver: FEYERABEND, Paul. **Adiós a la razón**, Madrid: Tecnos, 1992; Idem. **Matando el tiempo**. Madrid: Debate, 1995; Idem. **Tratado contra el método**. Madrid: Tecnos, 1981.